

## APRESENTAÇÃO

Ana Mafalda Leite  
Flavio García  
Sara Laisse

Este número da revista *Caderno Seminal* organiza-se em torno do dossiê “A narrativa moçambicana no século XXI”, cujo principal objetivo é a abordagem da obra de escritores que emergiram no cenário local já neste século. Muitos desses autores, ainda que não deixassem de tratar de questões presentes na obra de seus antecessores, assumiram estratégias de composição narrativa notadamente globalizadas.

Tal postura abriu as perspectivas da arte e da literatura moçambicanas, em sentido amplo, a tendências mundiais, permitindo que se fossem incorporando experiências estéticas novas advindas do estrangeiro. É fato, contudo, que alguns nomes consagrados já houvessem incursionado por veredas semelhantes, mas, ao correr do século XXI, surgem diferentes movimentos, grupos e escritores que oxigenaram a ficcionalidade em Moçambique.

Vários prêmios literários, fomentados seja por fontes internas, seja externas ao país, contando ou não com recursos públicos, vêm surgindo seguidamente. Projetos editoriais, com ou sem financiamentos, têm dado vazão a

novas produções. A literatura vem invadindo os mais diversos media. Nesse quadro, um *boom* literário se faz notar dentro e fora de Moçambique.

Reunindo dezenove artigos que integram a seção dossiê e duas resenhas que compõem a seção miscelânea, este número temático da revista *Caderno Seminal* acolhe textos que versam sobre autores e obras representativos desse momento singular por que passa a narrativa moçambicana – ainda que essa efervescência não seja exclusividade da narrativa –, refletindo teórica e criticamente em perspectiva isolada ou comparativista.

O dossiê inicia-se com oito artigos que abordam narrativas de autoria feminina. Os quatro primeiros versam sobre a obra de Paulina Chiziane, que não emergiu como escritora no século XXI, senão que haja notícia de publicação de seus primeiros contos na década de 1980, e seu primeiro romance, *Balada de amor ao vento*, tenha sido publicado em 1990, mas sua eclosão se deu com *Niketche: uma história de poligamia*, datado de 2002. O quinto artigo tem por *corpus* o conto *A viagem*, de Tatiana Pinto, publicado originalmente na Coleção Contos e Histórias de Moçambique, pela Escola Portuguesa de Moçambique-Centro de Ensino e Língua Portuguesa e, posteriormente, na Coleção Contos de

Moçambique, pela Editora Kapulana, no Brasil. Os sexto e sétimo artigos centram-se no romance *Tornado*, de Teresa Noronha, vencedor da primeira edição do Prémio Maria Velho da Costa, em 2021, e do Prémio PEN Club 2022, na categoria narrativa, além de ter sido finalista do Prémio Oceanos 2022. O oitavo e último texto dessa série propõe uma leitura de *Celeste, a boneca com olhos de esperança*, de Sónia Sultuane, narrativa infantojuvenil que perpassa questões próprias à diáspora.

Um segundo bloco, também composto por oito artigos, privilegia a obra vencedora da primeira edição do prémio Eduardo White em 2017, *Rabhia* de Lucílio Manjate, e as obras vencedoras do Prémio Imprensa Nacional/Eugénio Lisboa, da primeira à quarta edições, em 2017, 2018, 2019 e 2020, aquelas cujo texto já se encontra publicado. Tal como *Rabhia*, que envereda pela narrativa policial e de crime, o livro vencedor do Prémio Eugénio Lisboa em 2017, *mundo grave*, de Pedro Pereira Lopes, é uma narrativa que transita por diferentes gêneros, subgêneros e modos discursivos do insólito ficcional: policialesco, mistério, terror, realismo animista. Em 2018, o prémio foi vencido por *Saga d'ouro*, de Aurélio Furdela, romance histórico que não se atém exclusivamente ao sistema semionarrativo realista, uma vez que incorpora elementos advindos do sistema insólito,

correlacionados a crenças telúricas. *A ilha dos mulatos*, de Sérgio Raimundo, vencedor em 2019, tangencia aspectos da história moçambicana, retomando, em certa medida, estratégias de construção narrativa do romance policial. Mélio Tinga vence em 2020 com *Marizza*, texto cuja efabulação obriga o leitor a ir e vir em busca de distinguir entre tempos e espaços de uma história moldura e outra emoldurada, que se imiscuem ao longo de toda a narrativa.

Segue, a esses dois blocos, uma leitura articulada entre o pensamento ensaístico de Calane da Silva e o seu fazer literário em *Nyembête ou as cores da lágrima*. Dentre outros aspectos, o diálogo focaliza a morte, com possibilidade de retorno, tanto na Cultura Tradicional Banto, quanto na Tradição Católico-Cristã. Muito embora o artigo não enverede pela questão da espiritualidade, centrada em estudos sobre Antropologia espiritual, ao trazer o tema à baila, adentra uma discussão que ora se faz necessária no cenário ficcional moçambicano, no qual se vêm publicando, por exemplo, obras que se apresentam como ficção especulativa.

O segundo artigo, após os dois blocos iniciais, apresenta uma leitura de *Mueda: nos labirintos dos ritos de iniciação* de Carlos Paradona Rufino Roque. Ritos de iniciação, bruxaria, resgate e valorização de aspectos religiosos e culturais próprios à terra são recorrentes nos romances de Paradona.

De um modo geral, sua obra leva o leitor a mergulhar em tradições da moçambicanidade.

A seção dossiê encerra-se com um texto que põe em diálogo o cenário literário da cidade de Maputo, capital de Moçambique, e sua geografia, recorrendo à ferramenta etnográfica do “Diário de Campo”, resultante da observação participante e de registro fotográfico, realizada entre setembro e outubro de 2022. Sua autora procura destacar as permanências e transformações que se estabelecem na constante disputa entre memória e esquecimento.

A seção miscelânea compõe-se de duas resenhas. A primeira delas tem por objeto *O livro do homem líquido – microcontos*, de Pedro Pereira Lopes. A segunda resenha desloca-se da narrativa em direção à poesia, passeando por *O lugar das ilhas*, de Sónia Sultuane: uma coletânea de oitenta e cinco poemas subdivididos em cinco seções, a saber: Água, Vozes, Feitiços, Brisa da Alma e Palavras.

O dossiê “A narrativa moçambicana no século XXI” procurou fazer uma amostragem de algumas das mais significativas obras produzidas em Moçambique, e dar a conhecer ao leitor a novidade de outros autores, além dos já reconhecidos, que certamente virão a fazer um percurso promissor.